



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE

O IMPACTO DA VINCULAÇÃO NA VIOLÊNCIA BIDIRECIONAL

Dissertação apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, orientada por Professora Andreia Machado e coorientadora Professora Carolina da Motta

JUDITE MARIA LEAL ESTRADA LOPES

2023

www.ulusofona.pt

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE

**O IMPACTO DA VINCULAÇÃO NA VIOLÊNCIA
BIDIRECIONAL**

VERSÃO FINAL

Dissertação defendida em provas na
Universidade Lusófona – Centro Universitário
de Lisboa no dia 12/01/2014, perante o júri,
nomeado pelo Despacho de Nomeação
nº524/2023 com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia
Figueiredo

Arguente: Professora Doutora Olga Cunha

Orientadora: Professora Doutora Andreia
Machado

Coorientadora: Profª Doutora Carolina da Motta

JUDITE MARIA LEAL ESTRADA LOPES

2023

Agradecimentos

Quero começar por um agradecimento especial aos meus pais por todos os valores transmitidos ao longo da minha vida e pelo apoio incondicional que sempre me deram, por sempre valorizarem o meu esforço, pela paciência e por todo o amor.

Agradeço muito ao meu namorado por ter sido a pessoa mais presente ao longo de todo este percurso, pela paciência, pelo apoio e incentivo que sempre projetou em mim.

Agradeço às colegas Leonor Félix e Ana Lixa pela amizade e companheirismo ao longo deste percurso, pelo apoio emocional, positivismo e pela entreajuda. Foi um privilégio estar convosco neste caminho. Guardo-vos para sempre no meu coração. Agradeço à colega Adriana Zola por ter estado sempre do meu lado ao longo de toda a dissertação e também pela amizade e apoio.

Aos meus colegas de casa que se tornaram amigos para a vida e que estiveram ao meu lado nesta fase, pelo apoio e força em certos momentos mais difíceis.

Dirijo, o meu agradecimento à professora Andreia Machado pela sua orientação, disponibilidade e ensinamentos, pelas opiniões e críticas construtivas. Um obrigada à professora Carolita da Motta que foi sempre incansável. Por fim, à professora Marta Capinha, agradeço a disponibilidade e amabilidade.

Resumo

A violência nas relações de intimidade é um problema atual que afeta a sociedade. As investigações têm vindo a abordar a violência nas relações de intimidade como um fenómeno bidirecional, podendo a vinculação ter influência na mesma. Este estudo teve como principal objetivo perceber de que forma o tipo de vinculação influenciará a violência bidirecional numa relação de intimidade; avaliar se existe associação entre os estilos de vinculação ansioso e evitante com a violência bidirecional; avaliar se existem diferenças ao nível do género nos estilos de vinculação ansioso e evitante na violência bidirecional e avaliar se existem diferenças significativas entre as tipologias de violência quanto à vinculação. Foi aplicado um questionário sociodemográfico, a Escala Tática de Conflitos Revista e o *Experiences in Close Relationships*. Os resultados demonstram uma correlação negativa muito fraca significativa entre a violência bidirecional e a vinculação ansiosa e uma correlação negativa muito fraca não significativa entre a violência bidirecional e a vinculação evitante; verifica-se que o sexo feminino apresentou um nível superior de vinculação evitante; existem diferenças significativas na vinculação ansiosa nos grupos sem violência e violência bidirecional e nos grupos violência bidirecional e unidirecional. Implicações para a prática e conclusões foram abordadas.

Palavras-chave: violência bidirecional; violência nas relações de intimidade; vinculação; vinculação insegura

Abstract

Violence in intimate relationships is a current problem affecting society. Research has been addressing violence in intimate relationships as a bidirectional phenomenon, and attachment may have an influence on it. The main aim of this study was to understand how the type of attachment influences bidirectional violence in an intimate relationship; to assess whether there is an association between anxious and avoidant attachment styles and bidirectional violence; to assess whether there are gender differences in anxious and avoidant attachment styles in bidirectional violence and to assess whether there are significant differences between the types of violence in terms of attachment. A sociodemographic questionnaire, the Revised Conflict Tactics Scale and the Experiences in Close Relationships were applied. The results show a very weak significant negative correlation between bidirectional violence and anxious attachment and a very weak non-significant negative correlation between bidirectional violence and avoidant attachment; the female sex showed a higher level of avoidant attachment; there are significant differences in anxious attachment in the non-violent and bidirectional violence groups and in the bidirectional and unidirectional violence groups. Implications for practice and conclusions were addressed.

Keywords: bidirectional violence; violence in intimate relationships; attachment; insecure attachment

Índice de Abreviaturas e Siglas

CEDIC – Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica

CTS-2-R – The Revised Conflict Tactics Scale

ECR – RS – Experiences in Close Relationships – Relationship Structures

SPSS – Statistical Product and Service Solutions

VB – Violência Bidirecional

VU – Violência Unidirecional

VRI – Violência nas Relações de Intimidade

Índice

Introdução	6
Violência nas Relações de Intimidade.....	6
Violência Bidirecional	6
Importância da vinculação no contexto da VRI	7
Pertinência e objetivos do estudo	12
Metodologia.....	13
Amostra/participantes.....	13
Instrumentos	15
Procedimento	17
Análise de Dados.....	17
Resultados	18
Discussão	20
Limitações	18
Implicações práticas	25
Estudos futuros	27
Referências	28

Introdução

Violência nas Relações de Intimidade

A violência nas relações de intimidade (VRI) é um problema global, com consequências complexas para as vítimas, familiares e amigos, bem como para a sociedade, sistemas de saúde e serviços sociais e jurídicos (Laskey et al, 2019).

A VRI é definida como a ocorrência de várias formas de violência (por exemplo, física, psicológica, sexual) entre parceiros/as íntimos atuais ou anteriores que resultam em danos para a vítima (WHO, 2017). As consequências potencialmente graves a curto e longo prazo sobre a saúde física e mental das vítimas, ou, até mesmo, a sua morte, tornaram a VRI numa preocupação crescente e num problema de saúde pública (Capinha et al., 2022).

Violência Bidirecional

A violência bidirecional (VB) não é um fenómeno recente (Dokkedahl & Elklit, 2019) e pode ser definida como um conjunto de comportamentos agressivos de ambos os elementos da relação, ou seja, ambos podem ser vítimas e perpetradores (físicos, emocionais, sexuais; Hine et al., 2022), existindo um envolvimento mútuo na violência por parte de ambos os parceiros (Holmes et al., 2019). A maioria das investigações demonstram que a generalidade da violência entre casais é bidirecional, porém, a gravidade, intensidade e frequência tendem a não ser iguais dentro dessa mesma relação (Capinha et al., 2022).

Apesar da escassez de estudos sobre a VB, esta tipologia é de elevada relevância e urge ser alvo de atenção pela comunidade científica, de modo a prevenir e tratar as consequências da violência e melhorar as relações interpessoais. É improtelável a exploração do fenómeno e conceder-lhe maior visibilidade, nomeadamente em Portugal.

No que toca à prevalência da VB, de acordo com a investigação de Machado e colaboradores (2023), a tipologia mais perpetrada nas relações íntimas é a VB (60,3%) e, dentro da VB, a violência mais relata é a violência psicológica (59,8%).

Da mesma forma, é possível aferir, de acordo com o estudo de Capinha e colaboradores (2022), que a tipologia mais predominante entre os grupos é a violência psicológica, visto que a generalidades dos participantes relatou este padrão no que concerne à VB. A taxa de prevalência de VRI foi de 64,4% para vitimação e 64,6% para a perpetração; a taxa de perpetração ao longo da vida foi de 76,1% e vitimação de 74,6% (Capinha et al., 2022).

Internacionalmente, um estudo realizado por Costa e colaboradores (2015), em seis cidades/países da Europa (i.e., Ghent - Bélgica, Stuttgart - Alemanha, Atenas - Grécia,

Budapeste - Hungria, Porto - Portugal, Granada - Espanha, Östersund - Suécia e Londres - Reino Unido), verificou que a violência psicológica é a tipologia mais predominante (entre 46.4% a 71.8%), 10% das mulheres e 11,9% dos homens evidenciaram estar envolvidos em VB e 4.2% das mulheres e 3.8% dos homens eram perpetradores.

Importância da vinculação no contexto da VRI

As relações que cultivamos com as pessoas mais próximas são fundamentais, se não mesmo a parte mais vital da nossa existência. Compreendemos que as relações significativas podem ser tanto fatores de risco quanto de proteção, pois por vezes segurança e autoestima, contribuem para o bem-estar geral do indivíduo, enquanto em outras ocasiões podem criar condições adversas de existência e acarretam sofrimento significativo (Canavarro, 1999).

A teoria da vinculação baseia-se no pressuposto de que a socialização precoce com a família molda de forma padronizada a maneira como os sujeitos pensam, sentem e se comportam ao longo da vida, bem como a forma como respondem a situações adversas (Bowlby, 1969). Mikulincer e Shaver (2003) argumentam que as tipologias de vinculação definem o funcionamento das pessoas, o desenvolvimento da personalidade e a maneira como elas aprendem. Bowlby (1958) sugere, ainda, que as crianças se vinculem aos seus cuidadores e esse tipo de vinculação vai estar presente em relacionamentos de intimidade quando adultos. Assim, compreender o estilo de vinculação com as figuras cuidadoras é fundamental para entender as interações em relações íntimas na vida adulta (Bowlby, 1979; Dutton, 2012).

A teoria da vinculação pressupõe ainda que, na vida adulta, as relações afetivas de um indivíduo adaptado do ponto de vista psicossocial apresentam características distintas, incluindo a flexibilidade e a alternância no desempenho dos papéis da figura de cuidador e figura cuidada. Um adulto seguro serve como uma base segura para um parceiro significativo, mas também é capaz de recorrer a esse parceiro em busca de segurança emocional e apoio quando as circunstâncias internas e externas o exigem. Diversos autores têm analisado as diferenças entre os vínculos na idade adulta e os vínculos na infância (por exemplo, Hinde & Stevenson-Hinde, 1986; Weiss, 1982, 1991).

Frequentemente, o papel dos pais é sobrevalorizado em detrimento da influência de relacionamentos interpessoais estabelecidos posteriormente com outras figuras. Sroufe (1988) argumenta que é impossível negligenciar o papel central dos primeiros vínculos estabelecidos com os pais, embora isso não signifique que sejam os únicos relacionamentos importantes e que todos os outros sejam irrelevantes para o desenvolvimento do indivíduo. O poder preditivo

dos vínculos deve-se ao facto de abrangerem várias esferas de relacionamento, não se restringindo aos vínculos parentais. Hazan e Shaver (1987), cujos estudos iniciais foram um marco importante no estudo da vinculação em jovens e adultos propuseram-se a explorar empiricamente as semelhanças funcionais e dinâmicas entre o amor pelos pais na infância e o amor romântico na idade adulta. Assim, indivíduos que relatam relações mais afetuosas com ambos os pais, percebendo-os como mais respeitosos e acolhedores, desenvolvem vínculos seguros; indivíduos que descrevem a mãe como rejeitante e distante tendem a apresentar estilos de vinculação evitantes; enquanto aqueles que experimentam práticas parentais injustas desenvolvem estilos de vinculação ansiosos/ambivalentes nos seus relacionamentos na idade adulta (Hazan & Shaver, 1987).

A qualidade do vínculo que uma criança desenvolve está correlacionada, muitas vezes, com a sensibilidade e capacidade de resposta dos pais às suas necessidades durante a infância, sendo uma ligação mais segura e saudável, o resultado de pais que atendem de forma mais sensível as necessidades da criança (Magorokosho & Mberira, 2020). Tradicionalmente, são reconhecidas as três categorias distintas de estilos de vinculação previamente mencionadas.

Deste modo, indivíduos com um estilo de vínculo seguro frequentemente experimentaram uma infância caracterizada por um ambiente saudável, resultando em habilidades mais sólidas para enfrentar relacionamentos íntimos. A vinculação segura é caracterizada por indivíduos que criam facilmente relações de proximidade com os outros, por se sentirem confortáveis com a intimidade que gerem ou estabelecem com o outro (Fleischman, & Shorey, 2016). Estas relações têm por base a prestação de cuidados e a reciprocidade, cuidando ou permitindo ser cuidados, numa dualidade de papéis. Acresce referir que as mesmas se consideram passíveis de serem amadas, não se mostrando preocupadas com a ideia de serem abandonadas pelas figuras de vinculação. Estas figuras são, para estes sujeitos, figuras seguras, consideradas sensíveis e responsivas face às adversidades eventualmente experienciadas (Fleischman, & Shorey, 2016).

Indivíduos com estilo de vinculação insegura – vinculação esta que engloba tanto a vinculação evitante como a ansiosa – são considerados os mais sensíveis à rejeição e ao abandono, expressam tipicamente a raiva de formas disfuncionais que se traduzem em hostilidade em relação ao parceiro, o que aumenta a probabilidade de se comportarem de modo agressivo (Mikulincer & Shaver, 2005). Segundo Dutton e White (2012), a vinculação insegura pode mediar a relação entre a exposição a eventos traumáticos e a violência nas relações de

intimidade. Portanto, os indivíduos que vivenciaram eventos traumáticos tendem a desenvolver um estilo de vinculação inseguro, que posteriormente pode contribuir para o desenvolvimento de vulnerabilidades (e.g., estratégias de *coping* mal adaptativas, comportamento antissocial, desenvolvimento de psicopatologias, abuso de substâncias), fazendo com que sejam mais suscetíveis à vitimação dentro de uma relação de intimidade.

Assim sendo, aqueles que possuem vinculação ansiosa podem enfrentar mais desafios no estabelecimento e manutenção de intimidade em relacionamentos (Dutton, 2012), podendo vir a sentir uma necessidade intensa de estabelecer maior proximidade, mas ao mesmo tempo temem que isso resulte em afastamento ou perda de amor por parte dessas figuras significativas. Como resultado, muitas vezes estabelecem relações ambivalentes em termos de cuidado, alternando entre cuidar excessivamente e serem cuidados de forma compulsiva, observando-se uma rigidez cognitiva e emocional na alternância de papéis (cf. Connors, 1997; Fleischman & Shorey, 2016). É importante ressaltar que, se esses indivíduos desenvolveram um estilo de vinculação ansiosa na infância, é provável que enfrentem níveis patológicos de ciúme, dependência e medo da rejeição na idade adulta. Estes sentimentos intensos podem contribuir para o desenvolvimento de comportamentos violentos no contexto das relações íntimas (Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994).

Por fim, o estilo de vinculação evitante tem como especificidade o desconforto que os sujeitos percebem em relação à proximidade e à intimidade que as relações com as figuras significativas implicam (Connors, 1997). Os indivíduos tendem a demonstrar dificuldade em confiar no outro, pois consideram as figuras de vinculação como não responsivas, evitam cuidar e ser cuidados, visto que percebem essa dependência como algo desagradável (Connors, 1997).

Deste modo, de acordo com vários estudos, o comportamento violento de um sujeito com estilo de vinculação insegura nas relações íntimas está essencialmente relacionado com a percepção da insatisfação e disponibilidade do parceiro para satisfazer as suas necessidades (Bond & Bond, 2004; Critchfield et al., 2008). Existe uma conexão entre a vinculação insegura e múltiplas formas de comportamento agressivo (e.g., violência psicológica e/ou física, automutilação), sendo possível encontrar fortes indicadores de uma vinculação insegura em determinados tipos de agressores, expressamente em agressores violentos, agressores sexuais e perpetradores de violência nas relações de intimidade (Wilson et al., 2013; Sigre-Leirós, Carvalho, & Nobre, 2015).

Em suma, sujeitos com vinculação segura tendem a ter vivenciado uma infância saudável e são mais recetivos a relacionamentos íntimos; por outro lado, pessoas ansiosas e evitantes tendem a ver a intimidade como um confronto/conflito (Dutton, 2012). Isto é, quanto maior for a sensibilidade e capacidade de resposta dos pais/cuidadores às necessidades da criança, mais segura e saudável será a relação de vinculação da criança, sendo que o oposto também seria verdadeiro (Dutton, 2012).

Dutton e White (2012) tentaram avaliar a relação entre violência em relacionamentos íntimos e estilos de vinculação inseguros e verificaram que a vinculação insegura era um dos maiores preditores de violência em relações de intimidade, sendo que esta tipologia de vinculação estaria associada a níveis mais altos de ansiedade, raiva, hostilidade e automutilação. Além disso, esses indivíduos tendem a ler as intenções de qualquer parceiro negativamente, levando a níveis mais altos de conflito e agressão. Porém, importa ressaltar que o estilo de vinculação estabelecido na infância tende a perpetuar na idade adulta.

Segundo a revisão sistemática de Velotti e colaboradores, (2018), a vinculação ansiosa tem sido considerada um fator de risco para a vitimação. Indivíduos com um estilo de vinculação ansioso podem ter medo de abandono e ansiedade de separação, o que dificulta o término de relações abusivas. A baixa autoestima nestes indivíduos pode levá-los a acreditar que não têm recursos para lidar com a separação do parceiro. Além disso, a vinculação ansiosa está associada a uma autoimagem negativa e a atribuição de responsabilidade pela violência (Mikulincer & Shaver, 2005). Parceiros violentos que são intermitentemente amorosos e atenciosos podem reforçar este padrão, fazendo com que o indivíduo ansioso valorize a relação e crie ilusões de mudança no comportamento do parceiro. No entanto, poucos estudos investigaram outras variáveis potenciais para entender completamente a relação entre a vinculação ansiosa e a vitimação.

Em relação à perpetração de VRI, as evidências sugerem que os agressores também são propensos a ter uma vinculação ansiosa com os seus parceiros. Indivíduos ansiosos tendem a exagerar os sinais de protesto quando as suas necessidades de vinculação não são atendidas e podem usar formas extremas de regulação emocional, incluindo a violência, quando se sentem frustrados. Posto isto, a literatura demonstra a associação de elevados níveis de raiva em agressores com estilo de vinculação ansioso, sendo a violência identificada como uma estratégia de regulação que esses indivíduos podem usar quando estão emocionalmente sobrecarregados (Bookwala & Zdaniuk, 1998; Bookwala, 2002).

No mesmo sentido, a meta-análise de Spencer e colaboradores (2021) verificou que os padrões de vinculação ansiosa e evitante apresentaram associações significativas com a ocorrência de violência física entre parceiros íntimos. Quanto às distinções de gênero, não foram observadas disparidades substanciais entre homens e mulheres em relação aos estilos de vinculação como elementos ligados à prática de VRI. Contudo, uma descoberta notável emergiu: as mulheres revelaram uma associação significativamente mais forte entre a vinculação evitante e a experiência de vitimação quando comparadas aos homens. Importa acrescentar que a vinculação ansiosa demonstrou ser um dos correlatos mais robustos, tanto da vivência quanto da prática, de violência por parte de parceiros íntimos, abarcando tanto homens quanto mulheres. Verificou-se, ainda, que as mulheres que haviam sido vítimas de violência por parte de parceiros íntimos relataram níveis mais elevados de vinculação ansiosa comparativamente ao grupo de controlo (Craparo et al., 2014).

No que concerne à relação entre a VRI e a vinculação evitante, a revisão sistemática supramencionada (Velotti et al., 2018) alude que vários estudos observaram uma ligação entre a vinculação evitante e a vitimação num relacionamento de intimidade. Os indivíduos acreditam que revelar as suas vulnerabilidades aos outros resultará em rejeição, levando a uma falta de apoio social, algo associado à vitimação. Acresce que indivíduos evitantes também podem subestimar os danos psicológicos da violência, achando-se imunes a ameaças emocionais (Davis et al., 2002). A relação entre a vinculação evitante e a VRI parece ser mais forte em termos psicológicos e sexuais do que físicos. No entanto, mais estudos são necessários, considerando variáveis como personalidade patológica e medidas de poder nas relações românticas.

Ainda na revisão de Velotti e colaboradores (2018) é defendido que a vinculação evitante se associava de maneira significativa à vitimação por VRI física (Bond & Bond, 2004; Karakurt et al., 2013) e sexual (Sommer et al., 2017), mas apenas entre os indivíduos do sexo masculino. No entanto, algumas investigações apontaram para um padrão inverso de resultados, com a vinculação evitante sendo relevante apenas para as mulheres no que diz respeito à vitimação por VRI (Péloquin et al., 2011; Hellemans et al., 2015).

Recentemente, tem sido sugerido que as discrepâncias de gênero podem estar relacionadas com a compatibilidade entre o gênero e as estratégias de resolução de conflitos adotadas. Bartholomew e colaboradores (2008) constataram que o comportamento de evitamento estaria negativamente associado à vitimação e perpetração de VRI entre os homens

homossexuais da amostra, contrastando com os estudos mencionados anteriormente, conduzidos em homens heterossexuais, que sugerem que as expectativas tradicionais de gênero podem influenciar a relação entre o a vinculação evitantes e a vitimação.

Nesta meta-análise (Spencer et al., 2021), foi identificado que a vinculação evitante demonstrou estar notavelmente relacionada à ocorrência de VRI, tanto em homens como em mulheres, assim como à experiência de ser vítima de VRI entre mulheres. No contexto da perpetração de VRI, um indivíduo com vinculação evitante pode recorrer à violência contra o parceiro como um meio de evitar que este se aproxime demasiado ou desenvolva uma proximidade excessiva (Mayseless, 1991). Em contrapartida, mulheres que sofreram de VRI exibiram uma maior probabilidade de apresentar traços de vinculação evitante, quando comparadas às mulheres que não tinham experienciado VRI. Além disso, foi observado que mulheres com um estilo de vinculação evitante apresentaram maior suscetibilidade à revitimação por parte dos parceiros (Craparo et al., 2014).

Pertinência e objetivos do estudo

Face ao exposto, os estilos de vinculação podem estar relacionados com a VRI unilateral, sendo que do ponto de vista bidirecional, é evidente a escassez de estudos que se dediquem a esta relação. Posto isto, de modo a colmatar a lacuna existente na literatura, este estudo tem como objetivo perceber se existe relação entre os diferentes estilos de vinculação na e uma futura relação pautada por VB. Deste modo, é fulcral compreender os estilos de vinculação, desde cedo, com o objetivo de perceber se essas dinâmicas influenciarão a violência bidirecional, pois não há literatura estabelecida que permita perceber como a vinculação explicaria a VB.

Posto isto, o objetivo primordial do presente estudo é perceber se os estilos de vinculação influenciam o padrão relacional numa relação íntima. Com este estudo pretende-se ainda explorar se existe associação entre os estilos de vinculação ansioso e evitante com a VB; avaliar se existem diferenças ao nível do gênero nos estilos de vinculação ansioso e evitante na VB e, ainda, se existem diferenças significativas entre os grupos sem violência, com violência unidirecional (VU) e VB quanto aos estilos de vinculação. Para tal, colocam-se as seguintes hipóteses: 1) os estilos de vinculação ansioso e evitante correlacionam-se com a VB; 2) existem diferenças entre homens e mulheres nos estilos de vinculação ansioso e evitante na VB; 3) existem diferenças significativas entre os grupos sem violência, com VU e VB quanto aos estilos de vinculação.

Metodologia

O presente estudo adotou um design quantitativo transversal.

Amostra/participantes

A amostra é constituída por indivíduos portugueses que estão ou estiveram num relacionamento íntimo e foi recolhida através de uma amostragem de conveniência. Os sujeitos teriam que preencher os seguintes critérios de inclusão: a) ter idade igual ou superior a 18 anos; b) ter estado ou estar numa relação de intimidade pelo tempo mínimo de 1 mês e, por último, c) residir em território português. A amostra foi composta por um total de 600 participantes, sendo que média de idades dos participantes foi de 28.69 anos (DP = 10,39), onde o/a participante mais novo/a tinha 18 anos e o/a participante mais velho tinha 68 anos. A maioria dos participantes do estudo era do sexo feminino (84.5%), heterossexual (89,5%), português (95%) e que estavam numa relação de intimidade (78.4%). De uma forma geral, os participantes apresentavam níveis de escolaridade elevados, nomeadamente, 43.4 % dos participantes detinham o 1.º ensino superior/Licenciatura e 20.6% dos participantes possuíam o 2.º ensino superior/Mestrado. Em relação ao nível socioeconómico, 45.9% dos participantes categorizaram o seu nível socioeconómico como médio e 76.3% dos participantes em zona urbana. A informação relativa às características sociodemográficas da amostra encontra-se abaixo descrita (Tabela 1).

Tabela 1.

Dados Sociodemográficos dos Participantes (N = 600)

	N	%
Sexo		
Feminino	509	84.8
Masculino	89	14.8
Não binário	1	.2

Orientação Sexual

Heterossexual	538	89.7
Lésbica	10	1.7
Queer	1	.2
Gay	8	1.3
Bissexual	32	5.3
Outra	6	.8
Prefiro Não Responder	6	1

Nacionalidade

Portuguesa	569	94.8
Brasileira	13	2.2
Cabo-Verdiana	12	2.1
Suíça	1	.2
Alemã	1	.2
Prefiro Não Responder	1	.2

Relação de Intimidade Atual?

Sim	479	79.8
Não	118	19.7
Prefiro não responder	3	.5

Tem Filhos?

Sim	156	26.0
Não	444	74.0

Estado Civil/Situação Conjugal

Solteiro	411	68.5
Casado/União de Facto	153	25.5
Divorciado/Separado	33	5.5
Viúvo	1	.2
Prefiro Não Responder	2	.3

Habilitações Académicas

2º Ciclo do Ensino Básico (6º ano)	4	.7
3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano)	27	4.4

Ensino Secundário (12º ano)	177	29.5
1º Ciclo do Ensino Superior/Licenciatura	255	42.5
2º Ciclo do Ensino Superior/Mestrado	132	22.0
Doutoramento	5	.8
Situação Profissional		
Empregado	292	48.7
Desempregado	54	9.0
Trabalhador-estudante	52	8.7
Estudante	196	32.7
Reformado	2	.3
Prefiro Não Responder	4	.7
Nível Socioeconómico		
Baixo	61	10.2
Médio-baixo	171	28.5
Médio	268	44.7
Médio-alto	46	7.7
Alto	4	.7
Prefiro Não Responder	33	5.5
Residência		
Continente	587	96.6
Ilhas	13	2.1
Local Onde Habita		
Zona Rural	142	23.7
Zona Urbana	453	75.3
Prefiro Não Responder	5	.8

Instrumentos

Questionário sociodemográfico: O questionário sociodemográfico teve como objetivo recolher informação sobre os participantes, que consistiu em várias variáveis, nomeadamente: a idade; o sexo; a orientação sexual; a nacionalidade; a situação atual do relacionamento; a existência de filhos; o número de filhos; o estado-civil/situação profissional; as habilitações académicas; a situação profissional; a profissão; os salário bruto/liquido mensal; o nível

socioeconómico; o distrito de residência e local onde habita; consumos de álcool e/ou substâncias ilícitas; diagnóstico de perturbação mental e tratamento; exposição e vitimação a violência na infância/adolescência.

Escala Tática de Conflitos Revista (CTS-2; Straus et al. (1996) – versão original; adaptado à população portuguesa por Paiva e Figueiredo (2004). Este instrumento consiste num questionário de autorrelato que pode ser administrado individualmente, com autorrelato sobre a parceira ou parceiro, ou em conjunto pelo casal. Possui um formato conciso, com um tempo médio de administração de 10 a 15 minutos. A CTS-2 permite recolher dados relacionados com o conflito dentro do relacionamento, facilitando a comparação das respostas quando aplicada simultaneamente por ambas as partes e fornecendo informações sobre a frequência com que as táticas de conflito são utilizadas pelo casal (Paiva & Figueiredo, 2006). A CTS-2 apresenta índices de boa validade e fidelidade. Na sua versão original (Straus et al., 1996) apresenta os seguintes valores: abuso físico sem sequelas ($\alpha = .86$); abuso físico com sequelas ($\alpha = .95$); coerção sexual ($\alpha = .87$); negociação ($\alpha = .86$); e agressão psicológica ($\alpha = .79$). Do mesmo modo na versão portuguesa, (Paiva e Figueiredo, 2004) os resultados globais obtidos para a perpetração e para a vitimação são $\alpha = .79$ $\alpha = .80$, respetivamente. Assim, o abuso físico sem sequelas para a perpetração apresenta $\alpha = .78$ e para a vitimação $\alpha = .74$; o abuso físico com sequelas para a perpetração é $\alpha = .50$ e para a vitimação o $\alpha = .47$; a agressão psicológica para a perpetração é $\alpha = .68$ e para a vitimação $\alpha = .64$; a coerção sexual apresenta um $\alpha = .56$ para a perpetração e $\alpha = .51$ para a vitimação; por fim, a negociação tem o valor de $\alpha = .73$ para a perpetração e $\alpha = .71$ para a vitimação.

Na presente amostra, os valores de consistência interna foram para a vitimação global ($\alpha = .83$) e para a perpetração global ($\alpha = .83$), revelando-se, assim, valores de consistência adequados.

Experiences in Close Relationships – Relationship Structures (ECR-RS; Versão original – Fraley et al., 2011; Versão portuguesa – Moreira & Canavarro, 2011). O ECR-RS é um instrumento de autorresposta que permite avaliar as dimensões de ansiedade e evitamento da vinculação em diferentes relações de proximidade (mãe ou figura materna, pai ou figura paterna, companheiro e melhor amigo) e nas relações de intimidade na idade adulta. O instrumento é constituído por 12 itens, correspondentes a duas subescalas (6 itens na subescala evitante e 6 pertencentes à escala ansiosa). A versão original tem um elevado nível de consistência interna numa amostra de estudantes universitários, com coeficientes alfa de .91

e .94 para as subescalas Ansiedade e Evitamento, respetivamente. Na versão portuguesa, a escala total tem uma boa consistência interna ($\alpha = .86$), tal como as 2 subescalas: ansiedade ($\alpha = .86$) e evitamento ($\alpha = .88$). Na presente amostra, o valor de consistência interna foi razoável ($\alpha = .72$).

Procedimento

A investigação em questão resultou de uma parceria entre a Universidade Lusófona – Centro Universitário do Porto e a Universidade Lusófona – Centro Universitário Lisboa e foi aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC). Assim sendo, os dados para este estudo foram recolhidos online, através da plataforma *Qualtrics*, que obedece ao Regulamento Geral Nacional de Proteção de Dados. O presente estudo foi divulgado online, através das redes sociais (e.g., Facebook, Instagram) e fóruns universitários. Foi apresentado aos participantes o consentimento informado antes de participarem no estudo. Os participantes foram instruídos sobre os objetivos da investigação, a confidencialidade, o anonimato dos dados e o carácter voluntário da participação.

Primeiramente, foi aplicado um questionário sociodemográfico aos participantes e, posteriormente, a escala CTS-2 e o ECR. Importa salientar que a participação neste estudo foi voluntária e não foi providenciada qualquer ajuda financeira ou incentivo. Deste modo, os dados recolhidos foram utilizados somente para tratamento estatístico estando apenas acessíveis aos membros que incorporavam a equipa de investigação.

Análise de Dados

Após a recolha de dados, os mesmos serão analisados, utilizando o método quantitativo, através do programa estatístico *Statistical Product and Service Solutions* (SPSS) versão 28.0. O tratamento de dados descritivo foi realizado, incluindo a apresentação das tabelas de frequência das distribuições de valores observados para as variáveis de caracterização.

A análise foi realizada com o intuito de verificar pressupostos da normalidade para realização dos procedimentos estatísticos, incluindo testes estatísticos como a correlação de *Spearman*, teste *t* de *Student* e *ANOVA* de *Welch*.

No que diz respeito à análise inferencial, adotamos um critério de decisão, em que se o valor de prova for igual ou inferior a 5% (.05), rejeitamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa; caso contrário, não rejeitamos a hipótese nula.

Saliente-se que os itens do CTS-2 foram organizados e agrupados em duas variáveis: “perpetração global” e “vitimação global”. Em seguida, foi categorizada a variável

“direcionalidade” que corresponde às 3 tipologias de violência (0 = nenhuma violência; 1 = VB; 2 = VU). Para o estudo em questão foi, ainda, realizado o somatório dos itens da escala ECR correspondentes à vinculação evitante e vinculação ansiosa.

Em primeiro lugar, para averiguar a relação da VB com os estilos de vinculação, foi realizada uma correlação de *Spearman*. Para verificar se existem diferenças entre sexos quanto à VB nos diferentes estilos de vinculação. Posteriormente, foi realizado um Teste *t* para determinar se existe uma diferença significativa entre as médias de duas amostras independentes, neste caso entre o sexo e ambos os tipos de vinculação. Por fim, foi realizada uma *ANOVA de Welch*, para determinar se existem diferenças estatisticamente significativas entre três grupos independentes.

Resultados

Em conformidade com a literatura (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Machado et al., 2019), a VB foi a tipologia de violência mais prevalente, dos 600 participantes do estudo, 427 reportaram VB (71.2%); 107 reportaram sem violência (17.8%) e 66 reportaram VU (11%).

Relativamente à primeira hipótese “*Os estilos de vinculação ansioso e evitante correlacionam-se com a violência bidirecional*”, inicialmente foi criada uma variável para a “vinculação ansiosa” e outra variável para a “vinculação evitante”, foi criado também um filtro que excluía participantes com VU da variável “direcionalidade” (tendo esta 3 níveis: sem violência; VB e VU), posteriormente foi realizada uma correlação de *Spearman* entre o grupo sem violência e o grupo VB com a vinculação segura e insegura. Observou-se uma correlação negativa muito fraca estatisticamente significativa entre a VB e a vinculação ansiosa ($\rho = -.091$, $p = .036$) e uma correlação não significativa entre a VB e a vinculação evitante ($\rho = -.071$, $p = .100$).

Para testar a segunda hipótese “*Existem diferenças entre homens e mulheres nos estilos de vinculação ansioso e evitante na violência bidirecional*”, foi realizado um teste *t* Student para as diferenças das médias da vinculação ansiosa e evitante entre sexos. Foi verificada uma associação significativa entre sexo e vinculação evitante – (tabelas 2). Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos para a vinculação evitante ($t(90.017) = -4.201$; $p < .001$), no sentido em que o sexo feminino apresentou um nível superior de vinculação evitante em relação ao sexo masculino ($M = 30.3389$; e $M = 27.5000$).

Tabela 2.

Estatísticas Descritivas e Test-t Student

	Homem (<i>n</i> = 68) <i>M</i> (<i>DP</i>)	Mulher (<i>n</i> = 357) <i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
Vinc_Evitante	27.5 (5.17)	30.3 (4.77)	-4,44	.51	4.833
Vinc_Ansiosa	23.3 (2.77)	23.3 (2.89)	-.017	.17	2.876

Nota. N = 425; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão.

Para testar a terceira hipótese “Existem diferenças significativas entre os grupos sem violência, com violência unidirecional e violência bidirecional quanto aos estilos de vinculação”, foi realizado um teste de normalidade, de modo a averiguar a significância do efeito do tipo de escala sobre a vinculação ansiosa e vinculação evitante. Posto isto, foi realizada uma ANOVA de Welch, pois após verificação dos pressupostos da normalidade percebemos que as variáveis em estudo não seguem uma distribuição normal (tabela 3.). No entanto, no caso em questão, é utilizada a *ANOVA de Welch*, uma vez que é uma alternativa robusta aos testes não paramétricos quando existe violação dos pressupostos da análise. Foi realizada a *ANOVA de Welch* (tabela 5) de modo a perceber se existiam diferenças significativas entre os grupos sem violência, VU e VB nos estilos de vinculação. A análise estatística revelou que foram verificadas diferenças estatisticamente significativas na vinculação ansiosa ($F(2.597) = 3.562$, $p = .029$) entre os 3 grupos. Nomeadamente, nos grupos sem violência e VB ($p = .050$) e nos grupos VB e VU ($p = .036$) – (cf. Tabela 4). Para tal, foram utilizados os testes *post hoc*, em concreto o *Fisher’s Least Significant Difference* (LSD), uma vez que este é mais sensível que o *Bonferroni* e mais adequado para evitar erros de tipo 1 (a probabilidade de concluir erradamente que existem diferenças significativas).

Tabela 3.

Teste de normalidade – vinculação ansiosa e vinculação evitante

Kolmogorov-Smirnova				Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
Vinculação ansiosa	.104	600	<.001	.986	600	<.001
Vinculação evitante	.111	600	<.001	.934	600	<.001

Tabela 4.

Estatísticas descritivas e ANOVA de Welch

Variável dependente	Direcionalidade	M	DP	W	Sig.
Vinculação evitante	Bidirecional	29.841	4.989	1.967	.159
	Unidirecional	30.545	4.487		
	Nenhuma	30.757	4.633		
Vinculação ansiosa	Bidirecional	23.370	2.895	3.232	.029
	Unidirecional	24.197	3.366		
	Nenhuma	24.000	3.000		

Discussão

Estudos recentes têm-se dedicado ao estudo da VRI enquanto fenómeno bidirecional (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Machado et al., 2019). A VRI, tanto unidirecional como bidirecional, pode estar associada aos estilos de vinculação estabelecidos nas principais relações íntimas durante a idade adulta. A presente investigação dedicou-se ao estudo da relação e do impacto dos estilos de vinculação em relações pautadas por VB.

Um foco importante deste estudo é a clarificação de que as relações que construímos são de extrema importância, sendo talvez a parte mais vital de nossa existência. Reconhecemos que esses vínculos significativos podem desempenhar papéis duplos, atuando tanto como fatores protetores quanto de risco, proporcionando um sentimento de segurança, contribuindo para o bem-estar geral do indivíduo, enquanto em outras situações podem originar condições adversas de vida e resultar em sofrimento significativo (Canavarro, 1999). A teoria da vinculação postula que a socialização precoce na família molda o pensamento, sentimentos e comportamento dos sujeitos ao longo da vida, influenciando como lidam com as adversidades. Assim sendo, compreender o estilo de vinculação com figuras de cuidado é fundamental para entender relacionamentos íntimos na vida adulta (Bowlby, 1979; Dutton, 2012).

Dutton e White (2012) verificaram que a vinculação insegura é um forte preditor de violência em relacionamentos íntimos. Indivíduos com vinculação insegura têm níveis mais elevados de ansiedade, raiva, hostilidade e automutilação, e interpretam as intenções dos seus parceiros de forma negativa, o que induz a mais conflitos e agressões. No entanto, é importante

notar que a vinculação não é fixa e pode ser modificada ao longo da vida, apesar de sua tendência a persistir na idade adulta.

Após a análise dos resultados, face à primeira hipótese “*os estilos de vinculação ansioso e evitante correlacionam-se com a violência bidirecional*” foi verificada uma correlação negativa muito fraca entre a VB e a vinculação ansiosa, isto é, os resultados contrapõe-se aos esperados, pois o facto de existir uma correlação negativa é contrário ao esperado, por outras palavras: casais que apresentam um padrão de relacionamento sem violência teriam estilos de vinculação ansiosa mais vincados, comparativamente aos relacionamentos demarcados por VB. Face ao exposto, ainda que exista uma correlação entre estas duas variáveis, pressupõe-se que este resultado não vai de encontro ao conhecimento científico (e.g., Sigre-Leirós, et al., 2015; Wilson et al., 2013;), onde é referida a relação entre a vinculação insegura, nomeadamente a ansiosa, e diversas manifestações de conduta agressiva. Deste modo, os investigadores defendem que são evidentes indícios sólidos de uma vinculação insegura em determinados tipos de agressores conjugais. Ainda assim, é importante referir que, estes estudos não avaliam a possibilidade da dualidade de papéis, isto é, o facto de um individuo poder ser tanto vítima como perpetrador de violência numa relação de intimidade. No entanto, de acordo com a revisão sistemática realizada por Velotti e colaboradores (2018), a vinculação ansiosa é considerada um fator de risco para a vitimação. Sujeitos com um estilo de vinculação ansiosa tendem a experimentar um medo intenso de abandono e ansiedade de separação, o que dificulta saírem de relações abusivas. A baixa autoestima nesses indivíduos pode levá-los a acreditar que não possuem os recursos necessários para lidar com a separação de um parceiro abusivo. Além disso, a vinculação ansiosa está associada a uma visão negativa do “eu” e à atribuição de responsabilidade pela violência (Mikulincer & Shaver, 2005). Parceiros abusivos que alternam entre comportamentos amorosos e atenciosos podem reforçar esse padrão, fazendo com que o sujeito ansioso valorize a relação e crie ilusões sobre a possibilidade de mudança no comportamento do parceiro. A literatura sugere que agressores com altos níveis de raiva e um estilo de vinculação ansioso tendem a recorrer à violência como uma forma de lidar com emoções intensas (Bookwala, 2002; Bookwala & Zdaniuk, 1998).

Em relação à vinculação evitante, a revisão sistemática mencionada (Velotti et al., 2018), indica que alguns estudos encontraram uma relação entre a vinculação evitante e a vitimação, uma vez que, sujeitos com vinculação evitante tendem a evitar revelar as suas vulnerabilidades, temendo rejeição. Além disso, podem subestimar os danos psicológicos da violência e

acreditam que são imunes a ameaças emocionais (Davis et al., 2002). No presente estudo, ao contrário do supramencionado, a vinculação evitante não se associou à VB, o que demonstra a heterogeneidade/inconsistência presente neste tópico, conforme verificado ao longo da revisão da literatura.

Relativamente à segunda hipótese “*existem diferenças entre homens e mulheres nos estilos de vinculação ansioso e evitante na violência bidirecional*” estudos prévios sugerem que, mulheres vítimas de VRI relataram níveis mais elevados de vinculação ansiosa em comparação com um grupo de controlo (Craparo et al., 2014). Ainda assim, não foi comprovado por este estudo, uma vez que, foram verificadas oscilações no género face à VB para as mulheres, apenas na vinculação evitante. Isto é, neste estudo as mulheres apresentaram um nível de superior de vinculação evitante comparativamente aos homens, dentro da VB. Face à escassez de literatura no âmbito da VB e vinculação, como previamente referido, apenas conseguimos equiparar este resultado a estudos que correlacionam a vinculação e a vitimação (e.g., Velotti et al., 2018). Estes investigadores revelam que as mulheres têm uma relação mais forte entre a vinculação evitante e a vitimação (Velotti et al., 2018). De outro modo, na meta-análise de Spencer e colaboradores (2021) não foram observadas diferenças substanciais de género em relação aos estilos de vinculação como fatores relacionados à prática de VRI. É importante acrescentar que a vinculação ansiosa demonstrou ser um dos correlatos mais consistentes tanto da vivência quanto da prática de violência por parceiros íntimos, abrangendo homens e mulheres (Spencer et al., 2021).

Na mesma meta-análise mencionada anteriormente (Spencer et al., 2021), foi observado que a vinculação evitante estava fortemente relacionada à ocorrência de VRI, tanto em homens quanto em mulheres, bem como à experiência de ser vítima de VRI entre mulheres. No contexto da perpetração de VRI, um indivíduo com vinculação evitante pode recorrer à violência contra o parceiro como forma de evitar uma aproximação excessiva ou desenvolvimento de intimidade (Mayseless, 1991). Por outro lado, mulheres que foram vítimas de VRI apresentaram maior probabilidade de exibir traços de vinculação evitante em comparação com aquelas que não haviam experimentado VRI (Craparo et al., 2014).

Na última hipótese “*existem diferenças significativas entre os grupos sem violência, com violência unidirecional e violência bidirecional quanto aos estilos de vinculação*” foi corroborado o facto de que existem diferenças significativas entre os grupos sem violência e VB para os sujeitos com vinculação ansiosa. A vinculação ansiosa foi relacionada com

comportamentos violentos, uma vez que indivíduos com vinculação ansiosa têm dificuldades em regular as respostas emocionais assim como as respostas comportamentais produzidas pelo medo da rejeição e do abandono. Foi ainda verificado que existem diferenças significativas entre os grupos VB e VU – não obstante, a diferença estar no limiar de significância (.05). Devido a esta conclusão, torna-se imprescindível novas investigações que avaliem a relação entre estes grupos (VB e VU), uma vez que, a literatura disponível não é suficiente para a explicar.

As evidências apontam que os agressores podem igualmente apresentar uma vinculação ansiosa com seus parceiros, corroborando os resultados deste estudo. Assim sendo, sujeitos com vinculação ansiosa tendem a amplificar os sinais de protesto quando as suas necessidades de vinculação não são atendidas e podem recorrer a métodos extremos de regulação emocional, incluindo a violência, quando se sentem frustradas. A literatura científica destaca uma correlação entre níveis elevados de raiva em agressores e um estilo de vinculação ansioso, sendo a violência identificada como uma estratégia de regulação utilizada por esses indivíduos quando se encontram emocionalmente sobrecarregados (Bookwala & Zdaniuk, 1998; Bookwala, 2002).

Em contrapartida, estudos adicionais sugeriam um padrão oposto de resultados, indicando que a vinculação evitante era relevante somente para as mulheres no contexto da vitimação por VRI, conforme apontado por Péloquin et al. (2011) e Hellemans et al. (2015).

Na meta-análise de Spencer et al., 2021 constatou-se que a vinculação evitante estava associada à ocorrência de VRI, tanto em homens quanto em mulheres. No contexto da perpetração de VRI, indivíduos com vinculação evitante podem recorrer à violência contra o parceiro como um meio de evitar que este se aproxime demais ou desenvolva uma intimidade excessiva (Mayseless, 1991). Acresce salientar que se observou que as mulheres vítimas de VRI apresentaram uma probabilidade significativamente maior de exibir traços de vinculação evitante comparativamente a mulheres que não tinham vivenciado VRI (Craparo et al., 2014).

Limitações

Pese embora as mais valias desta investigação, esta dispõe ainda de algumas limitações, nomeadamente, o método de amostragem utilizado (amostra por conveniência) que não permite que os dados sejam generalizados para a população em geral.

A ausência de uma definição clara e amplamente aceite para o termo "VB" pode levar a ambiguidades e dificuldades na revisão da literatura. Além disso, a falta de consenso pode influenciar as conclusões do estudo, já que diferentes definições podem levar a diferentes

interpretações dos padrões de VB. Portanto, é importante reconhecer essa limitação e considerar cuidadosamente as implicações ao interpretar e generalizar os resultados do estudo.

Além disso, é importante considerar a predominância de literatura na língua inglesa no campo da VRI e VB. A maior parte dos estudos e referências consultadas durante a revisão da literatura são provenientes de contextos predominantemente anglófonos, o que dificulta a comparação direta com a realidade portuguesa. Essa limitação pode afetar a aplicabilidade direta dos resultados deste estudo às dinâmicas específicas da sociedade portuguesa.

Outra limitação identificada está relacionada à composição da amostra em termos de sexo. Observou-se uma discrepância entre o número de mulheres e homens que responderam aos questionários. Essa desigualdade de participação pode ter influenciado os resultados, visto que as experiências e percepções da VRI e da VB podem variar entre os gêneros.

É importante destacar que a existência de um viés de resposta também representa uma limitação. Ou seja, é possível que os indivíduos que tenham vivenciado situações de VRI tenham sido mais propensos a responder ao questionário, em comparação com aqueles que não experimentaram tal violência. Isso pode resultar numa estimativa exagerada da prevalência de violência no estudo.

Outra limitação importante do estudo é a escassez de investigações que explorem a correlação entre VB e vinculação. Portanto, ao interpretar os resultados de um estudo que aborda a relação entre VB e vinculação, é fundamental considerar a limitação da escassez de estudos anteriores nesse campo. Isso ressalta a necessidade de investir em mais estudos empíricos e abordagens metodológicas robustas para entender melhor como esses dois fenômenos interagem e se influenciam mutuamente dentro de relacionamentos.

No que concerne as limitações do CTS-2, importa mencionar as restrições associadas ao próprio instrumento de avaliação e à natureza retrospectiva dos relatos, uma vez que o período de um ano é consideravelmente longo para obter com precisão as taxas reais de ocorrência de abuso (Paiva & Figueiredo, 2006). Embora este instrumento seja considerado como um dos principais métodos de avaliação da violência e conflito conjugal devido à sua confiabilidade na obtenção de valores de consistência interna, o mesmo não está isento de críticas. Vários autores levantam preocupações em relação à versão mais recente deste instrumento, incluindo a sua limitação em capturar o contexto e as motivações subjacentes aos comportamentos violentos, conforme apontado por Jones e colaboradores (2017). Portanto, seria significativo empregar

uma ferramenta adicional que possa detetar o contexto e os motivos que impulsionaram os sujeitos a perpetrar atos de violência.

Implicações práticas

Conforme ilustrado neste estudo, investigações recentes têm indicado que a VB é a forma de violência mais comum (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Machado et al., 2019), embora esta problemática se possa associar aos diferentes estilos de vinculação, sugere-se a existência de outros fatores envolvidos na emergência da VB (e.g., educação, resolução de conflitos).

Importa clarificar que é fundamental aumentar a conscientização sobre o problema da VB, promovendo o entendimento de que tanto mulheres quanto homens podem ser perpetradores ou vítimas, desafiando estereótipos de género e crenças patriarcais com base em evidências científicas, visto que essa é a forma mais comum de violência.

É importante aprofundar e clarificar a compreensão da problemática VB para realizar avaliações realistas que levem em conta ambos os parceiros de uma relação, bem como os fatores e influências que podem prever a ocorrência de agressões. É crucial esclarecer o impacto da dinâmica de relacionamento, uma vez que isso permitirá que as políticas de prevenção e intervenção nessa área se baseiem em conhecimento científico mais sólido, podendo contribuir para uma abordagem mais eficaz na redução dos efeitos negativos provenientes da relação onde existe VB.

Além disso, é importante reconhecer que a VB não se limita a um padrão de perpetrador e vítima, e pode ocorrer em diferentes direções e frequência. Esta perspetiva mais ampla permite sensibilizar a comunidade, fornecendo informações mais abrangentes e, consequentemente, promovendo uma mudança de mentalidade em relação a esta problemática. Isso pode ser alcançado por meio de maior conscientização e sensibilização. É crucial destacar que esta forma de violência não se limita a um género específico, contrariando a percepção predominante de que a mulher é sempre a vítima e o homem o perpetrador, desconstruindo estereótipos de género e, com isto, a realização de campanhas de conscientização que devem desafiar a ideia de que apenas as mulheres são vítimas e apenas os homens são perpetradores de violência (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Machado et al., 2019).

É fundamental promover uma maior sensibilização sobre a necessidade de os homens denunciarem que podem ser vítimas, assim como para o facto de as mulheres poderem ser perpetradoras de violência. Deste modo, é considerado importante implementar campanhas e

ações de sensibilização sobre a violência nas relações de intimidade, para a população mais jovem, que consciencializem para o facto de que a violência não é exclusivamente unilateral e não atribuindo uma exclusividade nos papéis de perpetrador e vítima (Laskey et al., 2019; Machado et al., 2023).

A educação desempenha um papel crucial na prevenção da violência (Moulin-Stozek, 2021). Tomemos como exemplo programas escolares que abordam igualdade de género, respeito mútuo e prevenção da violência que podem auxiliar a moldar a camada mais jovem para que valorize relacionamentos saudáveis e equitativos. Além disso, campanhas de conscientização direcionadas aos jovens, nas redes sociais e em outras plataformas, podem desempenhar um papel vital na promoção dessas mensagens (Mancini et al., 2006). Acesso fácil a informações cruciais acerca da VRI e da VB devem ser disponibilizadas através de instituições educacionais, eventos e, especialmente, através dos media e redes sociais, evitando a perpetuação de estereótipos prejudiciais e promovendo relações mais saudáveis (Monterrosa, 2021).

Dessa forma, ter acesso a estas informações possibilitam que os sujeitos saibam como reagir a situações relacionadas e quais podem ser as consequências, diminuindo a probabilidade de surgimento de novas vítimas e perpetradores (Machado et al., 2019).

Tendo em conta que este estudo revelou que os estilos de vinculação ansioso pode estar relacionado com a VB, podemos destacar implicações ao nível da promoção de estilos de vinculação seguros, como por exemplo atuar junto de figuras cuidadores de forma a prevenir estas condutas menos seguras. Assim sendo, é fundamental trabalhar formas funcionais de relacionamento, investindo na promoção de estilos de vinculação seguros através, por exemplo, de programas de competências parentais (Spencer et al., 2021). O objetivo seria então promover estilos de vinculação seguros, portanto formas adaptativas de comunicação e de estabelecimento de relação com a criança, para que posteriormente a criança adquira ferramentas funcionais para se relacionar com os outros no futuro.

Em suma, ao abordar a VB, devemos adotar uma abordagem que leve em consideração a diversidade de experiências e desafios enfrentados por todas as pessoas envolvidas. Somente através dessas implicações práticas e de um compromisso contínuo com a igualdade de género poderemos criar um mundo onde relacionamentos saudáveis e equitativos sejam a norma, não a exceção.

Estudos futuros

Este estudo permite apresentar sugestões para possíveis caminhos de investigações futuras. Assim sendo, sugere-se a continuação da investigação de fatores subjacentes à vinculação na infância que podem vir a ditar futuras relação demarcadas pela VB, procurando-se compreender se as concepções apresentadas se mantêm em estudos futuros.

É, ainda, importante aprofundar o estudo da VB que pode ajudar a identificar os fatores de risco inerentes a esta tipologia de violência, e, posteriormente, a elaboração de programas de prevenção mais eficazes que visem abordar esses fatores antes que a violência ocorra. Esses eventos devem dar voz a pesquisas e estudos que revelam a complexidade da violência nas relações, incluindo casos de VB.

Uma pesquisa mais aprofundada nessa área pode abrir caminho para estudos subsequentes que explorem estratégias específicas de prevenção e intervenção. Isso poderia resultar em abordagens inovadoras e baseadas em evidências para lidar com a VB.

Assim sendo, as limitações apontadas indicam a necessidade de estudos futuros com amostras mais representativas e diversificadas, assim como uma abordagem mais abrangente na investigação por literatura comparativa.

Propõe-se, por fim, uma continuação da pesquisa sobre a VB e como a vinculação a pode vir a influenciar, de maneira que se consiga predizer ou correlacionar melhor este fenómeno. A pesquisa futura sobre a VB e sua relação com os diferentes tipos de vinculação é essencial para avançar na compreensão desse problema complexo e para desenvolver estratégias mais eficazes de prevenção e intervenção. Investir em estudos nessa área não só contribuirá para a segurança e o bem-estar das pessoas envolvidas em relacionamentos violentos, mas também nos ajudará a construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

- Bartholomew, K., Regan, K. V., Oram, D., and White, M. A. (2008). Correlates of partner abuse in male same-sex relationships. *Violence Vict.* 23-344. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.23.3.344>
- Bond, S. B., & Bond, M. (2004). Attachment styles and violence within couples. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 192(12), 857-863. <https://doi.org/10.1097/01.nmd.0000146879.33957.ec>
- Bookwala, J. (2002). The role of own and perceived partner attachment in relationship aggression. *J. Interpers. Violence* 17, 84–100. <https://doi.org/10.1177/0886260502017001006>
- Bookwala, J., and Zdaniuk, B. (1998). Adult attachment styles and aggressive behavior within dating relationships. *J. Soc. Pers. Relat.* 15, 175–190. <https://doi.org/10.1177/0265407598152003>
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350–373. <https://manhattanpsychoanalysis.com/wp-content/uploads/Bowlby-The-Nature-of-the-Childs-tie-to-his-Mother.pdf>
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss: volume I: attachment. *New York: Basic Books*.
- Bowlby, J. (1979). On knowing what you are not supposed to know and feeling what you are not supposed to feel. *Canadian Journal of Psychiatry*, 24(5), 403–408. <https://doi.org/10.1177/070674377902400506>
- Canavarro, M. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos – B.S.I. En M. R. Simões, L. S. Almeida, & M. Gonçalves (eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (vol.2) (pp. 96-109). Braga: SHO.
- Capinha, M., Rijo, D., Pereira, M., & Matos, M. (2022). The Prevalence, Directionality, and Dyadic Perpetration Types of Intimate Partner Violence in a Community Sample in Portugal: a Gender-Inclusive Inquiry. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 1-18. <https://doi.org/10.1007/s10610-022-09514-w>
- Connors, M. E. (1997). The renunciation of love: Dismissive attachment and its treatment. *Psychoanalytic Psychology*, 14(4), 475-493. <https://org/doi/10.1037/h0079736>

- Craparo, G., Gori, A., Petruccelli, I., Cannella, V., & Simonelli, C. (2014). Intimate partner violence: Relationships between alexithymia, depression, attachment styles, and coping strategies of battered women. *The Journal of Sexual Medicine*, 11(6), 1484–1494. <https://doi.org/10.1111/jsm.12505>
- Critchfield, K. L., Levy, K. N., Clarkin, J. F., & Kernberg, O. F. (2008). The relational context of aggression in borderline personality disorder: Using adult attachment style to predict forms of hostility. *Journal of Clinical Psychology*, 64(1), 67-82. <https://doi.org/10.1002/jclp.20434>
- Cui, M., & Fincham, F. (2010). The differential effects of parental divorce and marital conflict on young adult romantic relationships. *Personal Relationships*, 17, 331–343. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01279.x>
- Davis, K. E., Ace, A., & Andra, M. (2000). Stalking perpetrators and psychological maltreatment of partners: anger-jealousy, attachment insecurity, need for control, and break-up context. *Violence Vict.* 15, 407–425. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.15.4.407>
- Dokkedahl, S. B., & Elklit, A. (2019). Understanding the mutual partner dynamic of intimate partner violence: A review. *Partner Abuse*, 10 (3), 298-335. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.10.3.298>
- Dutton, D. G. (2012). The case against the role of gender in intimate partner violence. *Aggression and Violent Behaviour*, 17(1), 99–104. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.09.002>
- Dutton, D. G., & White, K. R. (2012). Attachment insecurity and intimate partner violence. *Aggression and Violent Behavior*, 17(5), 475-481. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2012.07.003>
- Fleischman, S., & Shorey, H. S. (2016). The relationships between adult attachment, theoretical orientation, and therapist-reported alliance quality among licensed psychologists. *Psychotherapy Research*, 26(1), 95-105. <https://doi.org/10.1080/10503307.2014.947390>

- Hellemans, S., Loeys, T., Buysse, A., and De Smet, O. (2015). Prevalence and impact of intimate partner violence (IPV) among an ethnic minority population. *J. Interpers. Violence* 30, 3389–3418. <https://doi.org/10.1177/0886260514563830>
- Hine, B., Noku, L., Bates, E. A., & Jayes, K. (2022). But, who is the victim here? Exploring judgments toward hypothetical bidirectional domestic violence scenarios. *Journal of interpersonal violence*, 37(7-8), NP5495-NP5516. <https://doi.org/10.1177/0886260520917508>
- Holmes, S. C., Johnson, N. L., Rojas-Ashe, E. E., Ceroni, T. L., Fedele, K. M., & Johnson, D. M. (2019). Prevalence and predictors of bidirectional violence in survivors of intimate partner violence residing at shelters. *Journal of interpersonal violence*, 34(16), 3492-3515. <https://doi.org/10.1177/0886260516670183>
- Holtzworth-Munroe, A., Stuart, G. L., & Hutchinson, G. (1997). Violent versus nonviolent husbands: Differences in attachment patterns, dependency, and jealousy. *Journal of Family Psychology*, 11(3), 314-331. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.11.3.314>
- Holtzworth-Munroe and Stuart (1994) batterer typology. *J. Consult. Clin. Psychol.* 68, 1000–1019. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.68.6.1000>
- Jones, R. T., Browne, K., & Chou, S. (2017). A critique of the revised Conflict Tactics Scales-2 (CTS-2). *Aggression and violent behavior*, 37, 83-90. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.08.005>
- Karakurt, G., Keiley, M., and Posada, G. (2013). Intimate relationship aggression in college couples: family-of-origin violence, egalitarian attitude, attachment security. *J Fam Violence* 28, 561–575. <https://doi.org/10.1007/s10896-013-9526-9>
- Langhinrichsen-Rohling, J., Misra, T. A., Selwyn, C., & Rohling, M. L. (2012). Rates of Bidirectional Versus Unidirectional Intimate Partner Violence Across Samples, Sexual Orientations, and Race/Ethnicities: *A Comprehensive Review. Partner Abuse*, 3(2), 199–230. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.3.2.199>
- Laskey, P., Bates, E. A., & Taylor, J. C. (2019). A systematic literature review of intimate partner violence victimisation: An inclusive review across gender and sexuality. *Aggression and Violent Behavior*, 47, 1-11 <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.02.014>

- Lisboa, M., Barroso, Z., Patrício, J., & Leandro, A. (2009). Violência e género: Inquérito nacional sobre a violência exercida contra mulheres e homens [Violence and gender: National survey about the violence perpetrated against men and women]. Lisboa: *Comissão para a cidadania e igualdade de género*.
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2019). The prevalence of Bi-Directional intimate partner violence reported by Portuguese men. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcj.2019.03.002>
- Machado, A., Sousa, C., & Cunha, O. (2023). Bidirectional violence in intimate relationships: a systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15248380231193440. <https://doi.org/10.1177/15248380231193440>
- Mancini, J. A., Nelson, J. P., Bowen, G. L., & Martin, J. A. (2006). Preventing intimate partner violence: A community capacity approach. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 13(3-4), 203-227. https://doi.org/10.1300/J146v13n03_08
- Manita, C. & Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). Violência Doméstica: Compreender para Intervir - guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio a vítimas. https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13450/1/VD4_GBP_PROFISSIONAIS_SAUDE.pdf
- Mayseless, O. (1991). Adult attachment patterns and courtship violence. *Family Relations*, 40(1), 21–28. <https://doi.org/10.2307/585654>
- Magorokosho, N. K., & Mberira, M. (2020). Attachment styles as predictors of intimate partner violence: A retrospective study with a student population. *Journal of Psychology in Africa*, 30(3), 192-196. <https://doi.org/10.1080/14330237.2020.1767929>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2005). Attachment theory and emotions in close relationships: Exploring the attachment-related dynamics of emotional reactions to relational events? *Personal Relationships*, 12(2), 149-168. <https://doi.org/10.1111/j.1350-4126.2005.00108>.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change. Ed.1. New York: *Guilford Press*.

- Monterrosa, A. E. (2021). How race and gender stereotypes influence help-seeking for intimate partner violence. *Journal of interpersonal violence*, 36(17-18), NP9153-NP9174. <https://doi.org/10.1177/0886260519853403>
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2015). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the Portuguese version of the Experiences in Close Relationships–Relationship Structures Questionnaire. *Journal of personality assessment*, 97(1), 22-30. <https://doi.org/10.1080/00223891.2014.950377>
- Moulin-Stozek, M. (2021). Why should intimate partner violence prevention be integrated in sex education?. *Journal of Moral Education*, 50(3), 317-329. <https://doi.org/10.1080/03057240.2020.1837751>
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2006). Versão Portuguesa das escalas de táticas de conflito revisadas: Estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/41636/1/2006%20Vers%c3%a3o%20portuguesa%20das%20escalas%20CTS-2.pdf>
- Péloquin, K., Lafontaine, M., and Brassard, A. (2011). A dyadic approach to the study of romantic attachment, dyadic empathy, and psychological partner aggression. *J. Soc. Pers. Relat.* 28, 915–942. <https://doi.org/10.1177/0265407510397988>
- Seibert, A., & Kerns, K. (2015). Early mother–child attachment: Longitudinal prediction to the quality of peer relationships in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 39(2), 130-138.
- Sigre-Leirós, V., Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2015). Adult interpersonal features of subtypes of sexual offenders. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 34, 5-10. <https://doi.org/10.1016/j.jflm.2015.04.015>
- Sommer, J., Babcock, J., & Sharp, C. (2017). A dyadic analysis of partner violence and adult attachment. *Journal of Family Violence*, 32(3), 279–290. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9868-1>
- Spencer, C. M., Keilholtz, B. M., & Stith, S. M. (2021). The association between attachment styles and physical intimate partner violence perpetration and victimization: A meta-analysis. *Family process*, 60(1), 270-284. <https://doi.org/10.1111/famp.12545>

- Sutton, T. E. (2019). Review of attachment theory: Familial predictors, continuity and change, and intrapersonal and relational outcomes. *Marriage & Family Review*, 55(1), 1-22. <https://doi.org/10.1080/01494929.2018.1458001>
- Velotti, P., Beomonte Zobel, S., Rogier, G., & Tambelli, R. (2018). Exploring relationships: A systematic review on intimate partner violence and attachment. *Frontiers in psychology*, 9, 1166. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01166>
- Wilson, J. B., Gardner, B. C., Brosi, M. W., Topham, G. L., & Busby, D. M. (2013). Dyadic adult attachment style and aggression within romantic relationships. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 12(2), 186-205. <https://doi.org/10.1080/15332691.2013.779185>
- World Health Organization [WHO]. (2017). Fact sheet on violence against women. Geneva: *World Health Organization*. <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/violence-againstwomen>. Acedido a 02/01/2023